

O uso de trilhas sensitivas como ferramenta para a sensibilização ecológica: um estudo de caso junto à Quinta da Estância Grande - Viamão/Rio Grande do Sul

Tânia Nunes Ferreira¹ | Alvaro Luis de Melo Machado²

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo identificar se uma trilha sensitiva poderia ser mais eficaz que uma trilha contemplativa de caminhada na sensibilização ecológica do ser humano. A mesma foi realizada no empreendimento de turismo rural pedagógico, Quinta da Estância Grande, no município de Viamão/RS. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com abordagem exploratório-descritiva, bem como estudo de caso. A partir das informações resultantes de entrevistas estruturadas com dezoito alunos, é perceptível a sensibilização dos que participaram da trilha sensitiva, em relação a essa prática, voltada ao estímulo dos sentidos. Acredita-se que a realização desse tipo de trilha possa ser uma ferramenta que auxilie em uma melhor compreensão sobre as questões ambientais.

Palavras-chave: Trilha Contemplativa de Caminhada. Trilha Sensitiva. Sensibilização Ecológica. Quinta da Estância Grande.

Abstract

This research aims to identify whether a sensory trail can be more effective than a contemplative walking trail, the ecological awareness of the human being. The survey was conducted in the pedagogical rural tourism venture, Quinta da Grande Resort in Viamão/RS. It is a qualitative research with exploratory and descriptive approach, as well as a case study. From the resulting information structured interviews with eighteen students, awareness is noticeable from participating in the sensitive track, with respect to this practice, aimed at the stimulation of the senses. It is believed that the realization of this type of track can be a tool to assist in a better understanding of environmental issues.

Keywords: *Contemplative Trail Walk. Sensitive track. Ecological awareness. Quinta da Grande Resort.*

1 Introdução

A procura por vivências na natureza parece estar em contínuo crescimento, seja para uma prática de alguma atividade esportiva como o ciclismo, a orientação ou cam-

¹ Graduada em Turismo pelas Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - Taquara/RS. taniamnferreira@hotmail.com

² Professor das Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT - Taquara/RS. Orientador do trabalho. alvaromm@faccat.br - <http://lattes.cnpq.br/4089182858993804>

peonatos ao ar livre de diversas modalidades ou, ainda, como uma atividade compreendida como de aventura, tal como a prática do *rafting*, da escalada, do rapel e do canionismo.

A prática de caminhadas em trilhas que cortam o ambiente natural e que podem ter características de lazer e relaxamento, além deservir como momento de oportunizar um novo olhar do usuário com a natureza, tem demonstrado ser uma das possibilidades para a realização do contato do homem com a natureza.

Sobre tal questão, Guimarães (2014, p. 1) indica:

As vivências na Natureza constituíram-se em atividades de sensibilização ambiental, envolvendo multiestimulação da acuidade perceptiva, cognitiva e afetiva, sendo incluídas ou não durante a realização das trilhas, onde é desenvolvido um processo de educação através de valores, de identificação com a paisagem, onde são enfocados aspectos relativos ao sentir-se e ser parte.

É ainda possível falar do ambiente natural como cenário para uma simples caminhada, como as realizadas em trilhas, com o objetivo de amenizar o *estresse*. Trilhas são caminhos que, quando percorridos, além de aliviar o *estresse*, podem trazer um significado mais profundo para o participante (FONTES; VITORINO; SALVATI, 2014).

O ser humano, habituado a uma visão antropocentrista, não consegue perceber a relação intrínseca existente com a natureza, em que humano e natureza apresentam -se como uma coisa só, que não deve ser dissociada (CAPRA *apud* JUSTEN; MORETTO NETO, 2012, p. 743). Tal ideia indicaria uma nova possibilidade de percepção da relação com o ambiente natural como parte integrante da vida humana, tendo as trilhas como mecanismo de interação e integração.

Ao reforçar tal pensamento, Mendonça (2000, p. 138) afirma que “[...] ao caminhar pelos espaços naturais, somos convidados não mais a observar o que vemos, mas observar a nós mesmos enquanto componentes daquele ambiente”. Tal percepção leva a entender o ser humano como parte integrante do ambiente natural, participe de sua construção, e não como alguém estranho, que apenas o observa e dele retira benefícios.

É importante perceber que tal relação com o ambiente natural pode ser maior que apenas a observação do mesmo, visto que, para Bruhns (2003 p. 42), “[...] caminhar por uma trilha num ambiente natural, num contato íntimo com o ambiente (com todas as dificuldades e obstáculos presentes nessa experiência), talvez possa ser um exercício dos sentidos, auxiliando na interpretação do meio”.

Tais características estão presentes em trilhas que exploram de forma mais aguçada os sentidos, possibilitando uma relação mais próxima do usuário com o espaço que percorre. Essas trilhas podem ser classificadas como Trilhas Sensitivas, uma vez que reforcem o uso dos sentidos como ferramenta de aproximação do usuário com a natureza. Esses caminhos se diferenciariam do simples ato de locomoção representado pelas trilhas contemplativas, as quais possibilitam um conhecimento do espaço natural, a partir de caminhadas e explicações sobre o ecossistema presente.

Diante de tais possibilidades, surge a indagação de que, com uma vivência diária tão atribulada, estaria o ser humano apto a compreender a verdadeira relação natureza/homem, homem/natureza?

Mais do que essa percepção, fica a dúvida acerca do grau de profundidade de tal

entendimento e do tipo de olhar que se dedica para perceber a natureza. As vivências e percepções do ser humano, quando em contato com o meio ambiente, fazem com que ele tenha uma nova consciência e desperte para uma possível nova sensibilização ecológica?

A partir dessas indagações, surge como pergunta de pesquisa a seguinte questão: “Seria o uso da trilha sensitiva mais eficaz do que uma trilha contemplativa de caminhada na sensibilização ecológica, permitindo que o ser humano tenha uma consciência mais profunda sobre o quanto suas ações interferem e contribuem para esta questão?”.

Para que se encontrasse a resposta a esse questionamento, realizou-se uma investigação, tendo como sujeitos de estudo dois grupos de dezoito alunos, compreendendo as idades de 12 a 16 anos, sendo uma turma do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul, e outra turma do Colégio Bagozzi, de Curitiba. Assim, é possível indicar que o presente estudo tem como tema o uso de trilhas sensitivas como ferramenta para a sensibilização ecológica.

O objetivo dessa pesquisa é identificar se uma trilha sensitiva poderá ser mais eficaz que uma trilha contemplativa de caminhada na sensibilização ecológica do ser humano. Para tanto, torna-se necessário identificar características independentes, de diferentes trajetos possíveis de serem utilizados, quando do contato do homem com o ambiente natural.

Dessa maneira, indica-se como objetivo específico do presente artigo o de caracterizar diferenças entre trilhas sensitivas e trilhas de contemplação. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que auxiliasse na identificação das características referentes às trilhas sensitivas, trilhas de caminhada e sensibilização ecológica. Além disso, foi importante descrever como pode ser planejada uma trilha contemplativa de caminhada e uma trilha sensitiva, focadas na possibilidade de uma sensibilização ecológica.

Para o perfeito entendimento de tais possibilidades, verificou-se, junto aos sujeitos, sua percepção quanto à possibilidade de compreensão das relações ecológicas locais, buscando analisar a praticidade do uso de trilhas sensitivas como ferramenta de sensibilização ecológica.

O trabalho aborda as características das trilhas, apresentando um breve histórico sobre o seu surgimento, suas especificidades, tipos e objetivos, contextualizando trilhas contemplativas de caminhada, trilhas sensitivas e sensibilização ecológica. Logo após foi apresentado o empreendimento turístico Quinta da Estância Grande, localizado no município de Viamão-RS, que foi selecionado como área de estudo em virtude de suas características naturais e da proposta desenvolvida pelo empreendimento junto aos diferentes grupos que utilizam o local para práticas esportivas, turísticas, de eventos e de sensibilização ambiental.

Posteriormente, apresenta-se a metodologia, que tem uma abordagem qualitativa, com uma pesquisa exploratória, classificada como bibliográfica e estudo de caso, adotada para fins deste estudo, seguida da análise e descrição dos resultados e, finalmente, das considerações finais.

2 Trilhas

Segundo Andrade (2014, p. 1), “[...] provavelmente as mais antigas trilhas surgiram como consequência direta dos movimentos migratórios dos grandes mamíferos, principalmente herbívoros, fugindo do inverno rigoroso”.

Com o surgimento da espécie humana, as trilhas continuaram com sua principal função: suprir as necessidades de deslocamento, sendo em busca de alimentos ou de conquista de novos territórios. A partir do momento em que uma região era explorada e seus recursos escasseavam, os indivíduos migravam para outro local, deixando em seu caminho as marcas de tal deslocamento. Assim confirmam Neiman, Mendonça e Schindwein (2008, p. 119): "A partir do momento em que o homem começou a cultivar a terra e domesticar animais, passou a ter uma reserva alimentar suficiente para permanecer num determinado local, criando os primeiros agrupamentos estáveis".

De acordo com Fontes, Vitorino e Salvati (2014, p. 1), “[...] desde a época do Brasil Colônia, os portugueses utilizavam os caminhos abertos pelos indígenas para alcançarem o interior do país”.

Com o passar do tempo, sem a necessidade primária de deslocamento por entre a natureza, as trilhas começaram a ter outro significado: o contato com o ambiente natural de maneira diferenciada, propiciando uma nova relação com a natureza. Surgiram aí as trilhas em espaços naturais como necessidade de lazer e uma busca para fugir da aglomeração dos grandes centros urbanos e do *estresse* do dia a dia. Assim, segundo Andrade (2014, p. 2): "Com a crescente urbanização, torna-se crescente a demanda por espaços naturais onde o exercício físico combinado com o descanso mental proporciona, por exemplo, por uma caminhada, sempre foi e continua sendo bastante apreciado".

Belart (*apud* ANDRADE, 2014, p. 2) complementa:

Andar, caminhar, passear, escalar, excursionar, longe do atropelo, da aglomeração, do ruído e do tráfego de veículos é, hoje em dia, um dos passatempos favoritos da maior parte das pessoas. É a forma de recreação mais econômica, mais sadia e que maiores oportunidades oferece à observação, pesquisa, tranquilidade e devaneio.

As pessoas que buscam um contato com a natureza se diferenciam em duas motivações: umas veem na trilha uma forma de aproximar-se mais rápido do seu final, outras veem uma possibilidade de aproveitar a trilha para contemplar a natureza, usufruindo cada momento para inspirar sua própria vida (MAGRO; TALORA, 2014).

É importante compreender que as trilhas podem ser percebidas e organizadas de diferentes formas, de acordo com seus objetivos, características e uso:

Podem ser estabelecidas diversos tipos de trilhas, que podem ser classificadas quanto à função (vigilância, recreativa, educativa, interpretativa e de travessia), quanto à forma (circular, oito, linear e atalho), quanto ao grau de dificuldade (caminhada leve, moderada e pesada) e quanto à declividade do relevo (ascendentes, descendentes ou irregulares). Quanto aos recursos utilizados para a interpretação ambiental da trilha, elas podem ser classificadas de duas maneiras: guiadas (monitoradas) ou autoguiadas (FONTES, VITORINO, SALVATI, 2014, p. 1).

Conforme Sampaio e Guimarães (2009), os visitantes devem seguir regras durante uma trilha, informadas no início da atividade. Dentre algumas, podem-se citar: respeitar o traçado da trilha; não falar alto para não espantar os animais; não retirar nenhuma planta do local e prestar atenção às falas do guia. Machado (2005, p. 112) contribui, afirmando que " [...] as trilhas devem ser bem determinadas, ter uma finalidade clara, serem organizadas de forma simples e propiciar uma experiência enriquecedora a quem as utiliza".

Para a utilização de uma trilha, é importante que se tenham alguns cuidados básicos, como os previstos quando da determinação da capacidade de suporte, que permite a implantação de uma maneira mais equilibrada de seu uso, pensando na minimização dos impactos possíveis, levando em conta questões como o tamanho do grupo, as atividades realizadas, as características do solo, a presença da biota, a intensidade e o período de uso (FONTES; VITORINO; SALVATI, 2014).

É importante ressaltar que se deve ter um cuidado em relação aos impactos negativos causados pelo uso de uma trilha. Quanto maior o uso, maior poderá ser o impacto, como compactação do solo, danos à vegetação, alteração da composição florística e erosão do solo.

Para amenizar esses impactos, é necessário haver um bom planejamento das trilhas, no que se refere ao cuidado com o traçado, obras, drenagem, ultrapassagem de corpos d'água, contenção de erosão, sinalização, marcação à tinta, placas, montes de pedras e fitas (ANDRADE, 2014). Para tanto, é necessário monitorar as condições da trilha, prevenir danos antes que causem prejuízos maiores e mais custosos.

Uma trilha pode ser realizada por qualquer segmento da sociedade, independente de idade, podendo ser utilizada por crianças, adultos ou idosos, possibilitando um conhecimento e um questionamento na relação homem-natureza, permitindo promover uma mudança de comportamento em relação aos hábitos ecológicos.

Entre os tipos de trilhas, podem-se destacar as trilhas contemplativas de caminhada e as trilhas sensitivas, que serão expostas nos próximos capítulos.

2.1 Trilhas contemplativas de caminhada

Dentre as trilhas, de acordo com suas características e objetivos, podem-se identificar as trilhas de caminhada que, conforme o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010, p. 30) são: "Percurso a pé em itinerário predefinido. Existem caminhadas de um ou mais dias com a necessidade de carregar parte dos equipamentos para pernoite em acampamentos ou utilizando meios de hospedagem, em pousadas ou casas de família".

O participante desta trilha não a realiza focado na possibilidade de vivenciar experiências que possam lhe trazer um sentido à sua presença junto ao ambiente natural, mas, sim, com o intuito de aproveitar o passeio, atingir um determinado local, relaxar ou mesmo conhecer um pouco das características do local (DELGADO, 2000).

Segundo Machado (2005, p. 121), "[...] as trilhas para caminhada são planejadas para deslocamento de grupos, nos quais o espaço a ser utilizado é menor". O autor complementa, afirmando que as trilhas de caminhada são usadas para uma conexão do visitante com o espaço natural (MACHADO, 2005).

Moreira e Schwartz (2010, p. 561) afirmam que as caminhadas se situam entre

o desporto e o turismo, tendo um estilo ativo, constituído pelo caminho a percorrer e tranquilo, “[...] no qual o praticante desfruta da natureza que o rodeia (contemplando, descansando, sem pressa de chegar ao fim)”.

Na maioria das caminhadas contemplativas, o participante não necessita ter um aprendizado de técnicas especiais, nem necessita de equipamentos sofisticados, no entanto, dependendo do trajeto, é importante ter a orientação de um guia ou condutor (MOREIRA; SCHWARTZ, 2010).

Costa e Silva (2010, p. 1) explicam que o ato de caminhar promove “[...] trocas sutis com o meio [...]”, possibilitando praticar diferentes “[...] racionalidades que vão construindo significados afetivos/emocionais além da criação de simbologias/representações mentais do espaço que nos rodeia e que por vezes é ignorado”.

Sobre as trilhas, Magro e Talora (2014, p. 1) comentam que,

Quando pensamos em trilhas, nos vem à mente caminhos que dão acesso a ambientes naturais e que oferecem algum grau de dificuldade para caminhar. Apesar de muitas pessoas quererem uma certa dose de aventura e risco, as trilhas nos levam à metade de nosso destino e geralmente queremos chegar ao mesmo sem injúrias nos pés e joelhos. A outra parte do caminho é o retorno, e a caminhada será muito mais agradável se conseguirmos proporcionar a oportunidade de um caminho diferente daquele da ida.

Bruhns (2009, p. 78) afirma que “[...] o contato com o sol, a água, as plantas, o vento e os animais [...] pode contribuir para uma revisão da vida [...], porém pode estar contaminado pela ideologia do lazer contemporâneo”. Nesse lazer contemporâneo, como afirma Bruhns (2009, p. 79), “[...] tendemos sempre a considerar o lazer como sendo oposto ao trabalho e, assim, como algo não produtivo, que emperra ou debilita a produção”.

Assim, é possível indicar que uma trilha contemplativa de caminhada tem um caráter mais de lazer, recreativo, não exigindo uma vivência muito profunda do participante. O intuito seria, portanto, mais de realizar um passeio ao ar livre, buscando aliviar o estresse do dia a dia, não se fixando em uma sensibilização sobre o real significado homem-natureza e sua relação direta com o espaço natural utilizado (DELGADO 2000).

Ao analisar os possíveis objetivos de uma trilha aos participantes, é possível citar alguns, como: promover uma volta às raízes; tomar consciência dos problemas ecológicos do mundo; aproximar as pessoas do meio natural; acalmar as tensões; desafiar o corpo e praticar antigas habilidades.³

Dessa maneira, é possível perceber que a trilha deverá ter formato e organização diferenciada de acordo com o objetivo que se propõe. Uma trilha tem a função de mostrar um caminho, conduzir a um objetivo. Tal objetivo pode estar relacionado ao estimular a percepção e levar o indivíduo a observar, experimentar, questionar, sentir, possibilitando uma relação mais íntima e uma experiência total com o ambiente.⁴

³ Informação retirada do material de aula da disciplina de Turismo e Meio Ambiente, da grade curricular do Curso de Turismo das Faculdades Integradas de Taquara.

⁴ Informação retirada do material da disciplina de Turismo e Meio Ambiente, da grade curricular do Curso de Turismo das Faculdades Integradas de Taquara.

Segundo Carvalho e Boçon (*apud* SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009, p. 360),

Entende-se que a prática de caminhar em ambientes naturais possibilite uma melhor compreensão do meio ambiente e de suas inter-relações, aguçando, ainda, uma dinâmica de observação, de reflexão e de sensibilização para com as questões relativas ao meio ambiente.

Conforme Machado (2005), a trilha possibilita ao indivíduo ter um contato que o remeta a um tempo mais bucólico, em que o sujeito possa ter a percepção de ultrapassar os limites estabelecidos na rotina do seu dia a dia, experimentando uma integração com o ambiente nativo.

Diante dessas afirmativas, acredita-se que as trilhas podem ser aproveitadas para a busca de uma maior interação homem-natureza, um reconhecimento dessa alteridade, assim como pensam Justen e Moretto (2012, p. 747): “[...] o homem deve lidar com a natureza da mesma forma que trata com um semelhante seu, mediante o reconhecimento de que o outro não é objeto, mas sim sujeito”.

Uma trilha de caminhada também pode ser usada como um instrumento para atingir objetivos de conservação, proteção do ambiente e, ao mesmo tempo, envolver o visitante nos programas de recreação, educação e interpretação ambiental.

No momento em que a trilha proporciona uma nova relação do indivíduo com a natureza, uma trilha sensitiva poderá ser muito mais eficaz nessa relação, pois ela trabalhará os sentidos humanos, contribuindo para uma maior percepção dessa relação, conforme será apresentado a seguir.

2.2 Trilhas sensitivas

A partir do momento em que o ser humano muda a maneira de pensar e de se relacionar com a natureza, poderá mudar a si mesmo e, conseqüentemente, todo o sistema do qual faz parte, assim como acredita Marcel Proust (*apud* Pensador, 2014): “A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, e sim em ter novos olhos”.

Complementando com Mendonça (2000, p. 139), “[...] toda a vivência é uma auto-observação, uma observação de nós mesmos que leva à observação de que estamos ligados uns aos outros”.

Para Cornell (1997, p. 13):

À medida que começamos a sentir uma comunhão com os seres vivos que nos rodeiam, nossas atitudes tornam-se mais harmoniosas e fluem com naturalidade, e, por conseguinte, passamos a nos preocupar com as necessidades e o bem-estar de todas as criaturas.

As atividades na natureza, segundo Cornell (1997), podem ser trabalhadas a partir de uma metodologia chamada “Aprendizado Sequencial”, que é dividida em quatro estágios: despertar o entusiasmo; concentrar a atenção; dirigir a experiência; compartilhar a inspiração.

No primeiro estágio, o autor comenta que “[...] sem entusiasmo, não é possível ter uma experiência significativa com a natureza” (CORNNEL, 1997, p. 16). Esse entusiasmo não quer dizer uma empolgação descontrolada, mas um fluxo tranquilo e profundo de interesse, com uma grande dose de vitalidade.

Passado pelo primeiro estágio de despertar o entusiasmo, chega-se ao segundo estágio, no qual a diferença entre “olhar” e “ver” pode ser percebida. Segundo Cornell (1997, p. 16), “[...] para aprender, é necessário concentrar a atenção”. Acrescentando, Mendonça (2000, p. 145) diz que “[...] o segredo das atividades deste estágio está em focalizar a atenção em um dos sentidos (tato, visão, audição, olfato) e utilizar uma forma sutil de levar os participantes a se concentrarem nele”.

No terceiro estágio, Cornell (1997, p. 16) coloca que “[...] à medida que concentramos nossa atenção, conseguimos captar com mais detalhes o que estamos vendo, ouvindo, tocando, cheirando e captando por meio da intuição”. Mendonça (2000, p. 146) contribui dizendo que “[...] as atividades com olhos vendados levam as pessoas a ficarem mais atentas às informações recebidas dos outros sentidos e, assim, podem perceber o ambiente de uma outra forma”.

A partir dessas atividades pode-se descobrir um forte sentimento de pertinência e compreensão. Uma coisa é ter conhecimento sobre a teia alimentar e a relação entre todos os seres vivos, outra é senti-la a partir de uma experiência direta. Quando um indivíduo tem uma experiência desse tipo ele 'sabe', e esse saber não precisa ser comprovado para ninguém. Ele sabe para si, viveu aquele conhecimento. É um aprendizado que não se esquece. São experiências que possibilitam penetrar completamente no espírito do mundo natural, do qual fazemos parte. Esse tipo de experiência pode abrir o coração das pessoas e levá-las a um sentimento de preocupação pela Terra (MENDONÇA, 2000, p. 146-147).

No quarto e último estágio, Cornell (1997, p. 16) explica que “[...] a experiência aguça a nossa percepção. [...] Compartilhar a Inspiração intensifica e esclarece nossas próprias experiências”. Esse estágio é a oportunidade que cada indivíduo tem para expressar e contar sobre sua experiência. Cornell (1997, p. 42) acrescenta que “[...] quando os participantes passam juntos momentos maravilhosos, a troca de informações tem um efeito muito intenso”.

Segundo Cornell e Mendonça, podem-se trabalhar os sentidos em uma trilha sensitiva, assim como para Unibio (2014)⁵, uma trilha sensitiva pode “[...] sensibilizar os visitantes sobre os problemas ambientais de uma forma diferenciada, através dos sentidos, aproximando o vínculo entre o homem e a natureza e estimular o uso dos sentidos”. Midaglia (1999) contribui afirmando:

Todos estão na paisagem, fazem parte dela, mesmo que sua interferência seja mínima, pois ela é capaz de estimular polissensorialmente as pessoas, seja pelo calor do sol, pelo pisar na terra molhada, quando se sente o vento soprar ou exala-se o cheiro das flores (MIDAGLIA, 1999, p. 36-37).

⁵ Nas informações extraídas de *site*, não há a indicação do número da página.

Diante dessa possibilidade, conforme Silva e Figueiredo (2011, p. 42), “[...] os elementos água, terra, fogo e ar devem ser explorados nesse momento de interação direta com a natureza”. E complementam:

Esta atividade também pode ser desenvolvida de olhos vendados desde que o ambiente seja mais plano e adaptado. O grupo pode ser dividido em duplas, favorecendo o caminhamento e interações entre as pessoas, podendo certamente ser modificada para atender aos diferentes grupos e suas necessidades, pois não é uma vivência condicionada e sim espontânea.

Os autores ainda reforçam que essas atividades exploram os órgãos do sentido, deixando de condicionar o sujeito ao uso da visão. Assim, na mesma ocasião em que se conhece e se vivencia essa relação com o espaço, ampliam-se sentimentos em relação a ele, causando um intercâmbio harmônico, uma experiência que rompe a rotina dos sujeitos por ser algo novo, não aguardado e acessível a todos, em busca de em processo de transformação de valores (SILVA; FIGUEIREDO, 2011).

Acerca dessas atividades em meio à natureza, Ferreira e Coutinho (2000, p. 176) afirmam:

O indivíduo tem a possibilidade de utilizar-se de todos os sentidos, como o tato, através da umidade, vento, insolação, textura de folhas; o paladar com gosto de uma fruta; o olfato pelo cheiro da mata; a audição com o canto dos pássaros, o ranger dos troncos de árvores sob a ação dos ventos; e a visão com a diversidade de cores das folhas e flores de uma mata.

A partir das considerações acima, percebe-se que as trilhas sensitivas podem auxiliar o indivíduo a ser e estar no mundo de uma forma diferente, compreender o outro, olhar e sentir o meio ambiente de forma mais sustentável, avançar para além do sensível e buscar um bem comum, de forma que essa nova percepção poderá proporcionar uma sensibilização ecológica ao indivíduo.

2.3 Sensibilização ecológica

Os processos de mudança pelos quais a sociedade passou e vem passando, incluindo costumes, valores, tecnologias, modos de vida, colocam a questão ecológica como um dos principais fatores de preocupação.

Sendo a questão ecológica, atualmente, um fator preocupante, as ações negativas que o homem exerce sobre a natureza fazem com que se busque um reencontro homem-natureza, uma ressensibilização, modificando atitudes e uma nova forma de cuidar do nosso planeta.

Essa ressensibilização pode ser buscada, como afirma Pelizzoli (2014, p. 3), “[...] sentindo... interagindo com as flores, com a relva molhada, com o ar que respiramos, com os jogos de luzes e misturas de cores no firmamento, no nascer do dia e no pôr-do-sol”.

Nesse mesmo sentido, Leite e Hartmann (2014, p. 67) destacam:

O elemento natureza [...] pode possibilitar o enriquecimento das habilidades sensíveis e emocionais, uma vez que proporciona maior interação entre o ser humano e o meio natural; valorizando a percepção por meio do desenvolvimento das potencialidades táteis, auditivas e olfativas, proporcionando a sensação de pertencimento a algo grande e coletivo, o que requer senso de responsabilidade e afetividade com o todo. Isto difere sensivelmente do cotidiano urbano, onde se destaca, principalmente, a habilidade visual e, conseqüentemente, o distanciamento, a agilidade e o individualismo.

As atividades que trabalham com os sentidos permitem ao ser humano ser mais solidário, mais cuidadoso e responsável com o que o rodeia, possibilitando ter outra visão da realidade, causando opiniões significativas em relação ao meio ambiente, ao outro e a si mesmo. A partir do momento em que esses experimentos são absorvidos na vida pessoal, cria-se um vínculo afetivo forte com o meio natural (SILVA; FIGUEIREDO, 2011).

Mendonça (2005, p. 538) contribui afirmando que se deve “[...] desenvolver um olhar crítico sobre nós mesmos, a fim de promovermos o desenvolvimento das estruturas mentais necessárias para a construção de uma sociedade sustentável”.

A partir desse olhar mais crítico, Mendonça (2005, p. 538) explica que se pode ter “[...] condições de abrir mão de certas vantagens, às quais estamos momentaneamente excessivamente apegados. Assim, para mudanças efetivas e duradouras ocorrerem, devemos nos preparar”.

Boff (2011, p. 17) acrescenta que “[...] devemos percorrer um longo caminho de conversão de nossos hábitos cotidianos e políticos, privados e públicos, culturais e espirituais”. Diante dessa questão, acredita-se que o reencontro homem-natureza pode possibilitar

uma vida mais próxima possível da sabedoria natural, da alimentação natural, de recursos naturais limpos, de ar respirável, de harmonia entre pessoas e natureza e entre pessoas que zelam por um mundo melhor e mais justo para as gerações que estão crescendo (PELIZZOLI, 2014, p. 7).

Em relação à natureza, Mendonça (2005, p. 10) reflete:

A partir dela é que conseguimos ter a experiência e sentir que há um ciclo e um fluxo no qual ela e nós fazemos parte, e que através dela conseguimos enxergar aspectos e condições que estão dentro de nós. Descobrimos que, na verdade, somos mais uma manifestação da Natureza.

Nesse momento crítico em que vivemos, Boff (2011, p. 27) reitera que “[...] importa construir um novo *ethos* que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica”. É um momento para que se reconstrua a casa humana comum a todos, ou seja, para que se reconstrua o planeta como ambiente a ser compartilhado. Assim esse *ethos* “[...] ganhará corpo em morais concretas (valores, atitudes e comportamentos práticos) consoante às várias tradições culturais e espirituais” (BOFF, 2011, p. 27-28). Ainda de acordo com o autor (2011, p. 28), “[...] criará um novo sentido ético e moral [...] uma nova ética nascerá de uma

nova ótica”. Esse novo modo de olhar, de atitude, segundo Boff (2011, p. 33), “[...] abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”.

As mudanças de atitudes estão diretamente ligadas à educação, diante dessa nova forma de pensar e de se relacionar com a natureza e de estar no universo. Nesse sentido, Barros (2000, p. 92) comenta:

Só os indivíduos que conseguem ver a si mesmos como parte integrante da natureza podem arcar com a responsabilidade de avaliar, julgar e participar de questões que contrapõe a necessidade de preservação de um ecossistema e exploração de recursos naturais (BARROS, 2000, p. 92).

A respeito dessa falta de reflexão do ser humano em relação ao estar na natureza, DeMoor (*apud* BARROS, 2000, p. 92) explica:

É porque perdemos nossa identificação com o mundo natural que somos capazes de abusar dele. Através do restabelecimento do contato com o mundo natural, por meio de uma educação que conscientemente promova esta reconciliação transformadora, podemos reverter a rota de destruição em que nos encontramos atualmente e recuperar da terra os princípios de orientação para a sustentabilidade ecológica.

Essa falta de identificação com o mundo natural, a maneira como os indivíduos se colocam diante à natureza, é talvez o que traduza o pensamento humano nos dias atuais, assim como comenta Capra (1996, p. 158):

Em vez de ser uma máquina, a natureza como um todo se revela, em última análise, mais parecida com a natureza humana – imprevisível, sensível ao mundo circunvizinho, influenciada por pequenas flutuações. Consequentemente, a maneira apropriada de nos aproximarmos da natureza para aprender acerca da sua complexidade e da sua beleza não é por meio da dominação e do controle, mas sim, por meio do respeito, da cooperação e do diálogo.

Entende-se, assim, que a natureza se revela parecida com a natureza humana. Boff (2011, p. 76) comenta que “[...] temos elementos-Terra no corpo, no sangue, no coração, na mente e no espírito [...] sentir que somos Terra nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade para com a Terra”.

No momento em que o indivíduo se sente parte deste todo, ele será capaz de se sentir nele. Essa relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito.

Sentir a Terra é sentir a chuva na pele, a brisa refrescante no rosto, o tufão avassalador em todo o corpo. Sentir a Terra é sentir a respiração até às entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam. Sentir a Terra é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local, onde se habita [...] Por fim, sentir-se Terra é perceber-se dentro de uma complexa comunidade com seus filhos e filhas. A Terra não gera apenas a nós seres humanos (BOFF, 2011, p. 76-77)

Pensa-se que essa relação não “[...] é de domínio sobre, mas de convivência. Não

é pura intervenção, mas interação e comunhão” (BOFF, 2011, p. 95). Assim o sentimento do sentir passa a ter outra conotação, segundo a qual o ser humano permite emocionar-se, envolver-se e deixar-se ser. Dessa forma, brota a possibilidade de sensibilização, um entendimento de relação que determina mudanças.

Conforme Boff (2011, p. 100), “[...] é o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas”. Diante desde “sensibilizar-se” com o que está ao seu redor, com o que faz parte do seu “eu”, o indivíduo poderá passar a criar e cultivar um cuidado ecológico em relação às suas atitudes e hábitos.

Pode-se dizer que a sensibilização ecológica dependerá de um novo olhar, de uma mudança de paradigma em relação à natureza, de uma vivência intensa, de um envolver-se verdadeiramente, criando laços sólidos e uma necessidade profunda de viver em um universo mais sustentável.

De acordo com tais considerações, no processo de sensibilização, trabalhar com os sentidos poderá transformar o indivíduo em um ser capaz de contribuir para a vida planetária, estando disposto a empreender mudanças, na sua forma de agir e perceber a natureza, deixando de ser expectador para ser o sujeito. Para tanto, as trilhas sensitivas poderão contribuir de uma forma importante e positiva para a sensibilização ecológica do ser humano.

3 Quinta da Estância Grande

O empreendimento Quinta da Estância Grande, localizado no município de Viamão, Rio Grande do Sul, surgiu da vontade do casal de proprietários Lucídio Goelzer e Sônia Goelzer, oriundos da zona rural de Passo Fundo, de criarem seus filhos mais próximos da natureza (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

O casal se conheceu e se casou em Porto Alegre. De acordo com informações contidas no *site* da Quinta da Estância Grande (2014), quando nasceu seu primeiro filho, chamado Lucas, “Lucídio saiu em busca de uma área rural para proporcionar esta vivência para a família que se formava”.

No início, adquiriram uma área de 1,5 hectares e, em 1981, com o nascimento do segundo filho, Rafael, a família se mudou definitivamente para a propriedade rural. Em 1984, nasceu o terceiro filho, André.

No mês de março de 1992, a professora e proprietária Sônia percebeu

Que poderia ampliar para mais pessoas seu maior sonho: propiciar uma vivência pedagógica completa, unindo o conhecimento teórico e prático, em um ambiente repleto de natureza e sustentabilidade (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

Conforme o *site* da Quinta da Estância Grande (2014), “Sônia levava, gratuitamente, suas turmas do Instituto de Educação de Porto Alegre para realizarem vivências na propriedade”, e assim nascia a Quinta da Estância. Nesse mesmo momento, questões

ambientais estavam sendo discutidas a partir da realização da ECO-92⁶, que apresentava propostas sobre sustentabilidade com a Agenda 21⁷, sendo esse acaso fator decisivo e norteador para a “[...] visão social e ambiental da Fazenda, trazendo inspiração para novos projetos e impulsionando visitas” (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

Segundo informações provenientes no *site* do empreendimento,

A Quinta da Estância é a maior fazenda de Turismo Rural Pedagógico do Brasil, recebendo mais de 90 mil visitantes por ano de todo o RS, SC, PR, SP, DF, Uruguai e Argentina e conta com a qualificação de 70 monitores formados e especializados em atividades vivências de campo. Primeiro e maior complexo de entretenimento Pedagógico, Ecológico e de Lazer do Brasil, a Quinta da Estância é fruto de uma longa jornada em prol de um nobre gesto: oferecer educação, cultura ecológica e bem-estar a crianças, jovens e adultos (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

O empreendimento Quinta da Estância Grande atende, além de instituições de ensino, que abrangem a Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Superior, também empresas, por meio de eventos de confraternizações, reuniões, convenções ou treinamentos vivenciais específicos, assim como o público da terceira idade e o público em geral (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

Entre as atividades para o atendimento às empresas, destacam-se o projeto de treinamento vivencial, confraternizações, datas comemorativas e festas de final de ano, acampamento de férias para filhos de colaboradores, opções de atividades de lazer para as confraternizações, reuniões, palestras e seminários. Para tanto, há pacotes com turnos diferenciados: diurno, noturno e pernoite.

Além das empresas, a Quinta da Estância Grande oferece seu espaço para encontros de grupos religiosos, com uma infraestrutura completa para retiros, com qualidade dos serviços e um atendimento hospitalareiro (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

No atendimento às escolas, a empresa oferece vivências ao ar livre. Proporciona programas pedagógicos em quatro direções: Programas em Blocos Curriculares; Programas Especiais (datas comemorativas); Programas Anuais (temas específicos) e Programas Personalizados, de acordo com os conteúdos específicos estudados em aula.

A Quinta da Estância Grande (2014) oferece também “[...] sugestões de atividades pedagógicas para todos os níveis educacionais e para as mais diversas disciplinas [...] Com um time formado por mais de 80 monitores”, assim como atividades ecológicas e de lazer, como: fazendinha com contato com animais domésticos, trilha ecológica em área de preservação permanente, viveiro de aves exóticas, passeio conduzido a cavalo e de trator, jardim dos sentidos e labirinto das sensações, esportes e muitas outras atividades.

No que se refere às trilhas, que é o objeto de estudo, conforme entrevista realizada com o Sr. Rafael Goelzer, um dos proprietários do empreendimento estudado, a

⁶ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992.

⁷ Um dos principais documentos resultados da ECO-92, como instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Quinta da Estância possui uma trilha ecológica, com diferentes níveis:

a) *Completa* - com acesso à água, reconhecendo as nascentes, trajeto em matas nativas e campo. Essa trilha possui uma duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos a duas horas e percorre uma distância de 3 km de extensão.

b) *Minitrilha* - para crianças de séries iniciais, percorrendo a mata ciliar, com duração de, aproximadamente, trinta minutos e uma distância de 500 metros.

c) *Trilha das almas penadas* - que ocorre à noite, voltada ao entretenimento, com momentos de sustos e duração de, aproximadamente, uma hora.

O empreendimento desenvolve vários programas com empresas, escolas, universidades e público em geral, com reservas de, no mínimo, doze pessoas por grupo.

A empresa possui uma das maiores e melhores estruturas de turismo rural pedagógico do Brasil. Conforme Polydoro (2014, p. 309): “[...] está preparada para atender o público em inglês, francês, espanhol e até mesmo em Libras”.

Ainda de acordo com Polydoro (2014, p. 309-310), a empresa é destaque em várias práticas, como o Criadouro Conservacionista, Projeto de Neutralização de Carbono, sendo “[...] umas das 370 empresas do mundo a integrar o Caring For Climate, um grupo especializado em mudanças climáticas pela ONU”, assim como outros vários destaques em jornais, programas de televisão, parcerias com instituições de ensino do Brasil e do exterior e empresas privadas.

Destaca-se também como empresa vencedora estadual e nacional do Prêmio MPE Brasil – categoria responsabilidade social, concorrendo com mais de 56 mil empresas de todo o país (QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE, 2014).

Recentemente, a empresa foi selecionada para fazer parte do livro lançado pelo Instituto Amanhã: “110 Marcas do Rio Grande – A história e os valores das marcas consagradas como ícones da identidade e da cultura empresarial gaúcha”.

4 Metodologia

Para este estudo, utilizou-se a abordagem qualitativa, que segundo Bardin (1977, p. 114-115), “[...] recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências”. É um procedimento mais intuitivo, o que proporciona flexibilidade, sendo mais ajustável para índices não previstos.

Cabe ressaltar que, na abordagem qualitativa, o pesquisador basicamente avalia as palavras; ele vai a campo para acompanhar, de perto, a dinâmica do elemento estudado.

É necessário salientar que o tema Trilhas Sensitivas é um assunto recente e encontra-se pouco material bibliográfico sobre ele. Assim, a teoria não é suficiente, como reforça Neves (1996, p. 4): “A falta de exploração de um certo tema na literatura disponível ou a intenção de compreender um fenômeno complexo na sua totalidade são elementos que tornam propício o emprego de métodos qualitativos”.

Quanto à sua natureza, este estudo envolve uma pesquisa aplicada, cujos objetivos buscam conhecimentos para serem aplicados na prática. Também pode ser caracterizada como uma pesquisa exploratória, classificada como pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

O estudo de caso, entendido como uma metodologia que visa analisar, detalhadamente o ambiente a ser pesquisado, proposto no empreendimento turístico Quinta da Estância Grande, no município de Viamão/RS, teve como objetivo identificar se uma trilha sensitiva poderá ser mais eficaz que uma trilha contemplativa de caminhada, na sensibilização ecológica do ser humano.

A realização de entrevistas com os participantes das trilhas da Quinta da Estância ocorreu no dia 25 de setembro do ano de 2014. É importante salientar que ambas as trilhas tiveram acompanhamento de guia especializado, capaz de auxiliar na interpretação do ambiente.

Como se trata de uma pesquisa com abordagem qualitativa, os resultados foram analisados a partir dos conteúdos das respostas, com o intuito de encontrar indicadores que possibilitassem a indução das variáveis existentes no contexto, essenciais para análise.

Para a realização da entrevista estruturada, anteriormente foram enviados às escolas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que fossem explicados os objetivos da pesquisa, bem como a solicitação da autorização dos responsáveis pelos alunos. O termo foi apresentado em duas vias, uma para o responsável e outra para a pesquisadora. Esse termo também fez referência ao sigilo quanto à identificação, à participação voluntária sem remuneração aos entrevistados, à possibilidade dos entrevistados se recusarem a responder qualquer pergunta, bem como de abandonar o procedimento a qualquer momento, sem que sofram prejuízo. Além disso, a pesquisadora informou aos pais e alunos, por meio das escolas, que a entrevista não envolveria nenhum tipo de risco, apenas ocupando um período curto de tempo para a entrevista, que seria realizada logo após a realização da trilha.

5 Análise, interpretação e discussão dos resultados de pesquisa

Com fundamento nas entrevistas que foram prestadas, foi realizada a análise dos resultados, visando responder aos objetivos iniciais da presente pesquisa.

Os entrevistados são alunos da 8ª série do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul, e alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Bagozzi, de Curitiba, Paraná, que após, percorrerem as trilhas, responderam a entrevista. Em face dos dados levantados, buscou-se, com o apoio da fundamentação teórica, dar significado aos resultados obtidos, pois, como informa Bardin (1997, p. 114-115), “[...] recorre a indicadores não frequentiais suscetíveis de permitir inferências”.

A análise, a interpretação e a discussão dos resultados estão divididas a partir das questões das entrevistas estruturadas, realizadas com os alunos da 8ª série do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul e, posteriormente, pelas questões dos alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Bagozzi, de Curitiba, Paraná.

5.1 Análise dos resultados com base nas entrevistas realizadas com os alunos da 8ª série do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul referente à trilha contemplativa de caminhada

Neste tópico, apresenta-se a análise dos resultados com foco nos relatos dos alunos, após percorrerem uma trilha contemplativa de caminhada.

A entrevista foi prestada por nove alunos da 8ª série do Colégio Mauá de Santa Cruz do Sul. Para manter a privacidade e sigilo sobre suas identidades, não serão mencionados seus nomes.

Antes de aplicar a entrevista, a pesquisadora fez questão de acompanhar o grupo na atividade da trilha, para que pudesse vivenciar desde o início essa experiência. Contribuindo sobre essa participação da pesquisadora em acompanhar a atividade da trilha, Dencker (2007) ilustra que, na abordagem qualitativa, o pesquisador vai a campo para acompanhar de perto a dinâmica do elemento estudado. Para tanto, os relatos dados pelos alunos colaboraram para a elaboração deste estudo, visto que todos os entrevistados propuseram-se a responder a entrevista sem qualquer ressalva.

No que concerne à idade e sexo, os alunos entrevistados apresentavam idade entre 13 e 14 anos, sendo seis alunos do sexo masculino e três alunas do sexo feminino.

Quanto aos alunos que já haviam realizado alguma trilha antes, sete alunos responderam que já haviam participado e dois alunos responderam que nunca haviam participado.

Ao serem perguntados sobre quais sentidos humanos eram possíveis de serem percebidos em uma trilha, considerando as opções, olfato, tato, visão, audição e paladar, os sentidos mais citados foram o tato (quatro alunos) e a visão (três alunos), comentando que a natureza é bonita e diferente. Também apontaram como aspectos da natureza mais importantes a calma, a tranquilidade e os contrastes das cores. Nesse sentido, Moreira e Schwartz (2010) corroboram, dizendo que as caminhadas são constituídas pelo caminho a percorrer, em que o indivíduo aproveita a natureza que o cerca, contemplando-a.

Seguindo na questão, na qual o tato e a visão foram os sentidos mais citados, os respondentes, quando foram abordados sobre quais aspectos da natureza achavam mais importantes depois de ter realizado a trilha, comentaram sobre os animais, citando que a fauna era importante para o ecossistema e que sofrem com os desmatamentos. Dessa forma, Machado (2005) afirma que as trilhas de caminhada são usadas para uma conexão do visitante com o espaço natural. Além disso, Moreira e Schwartz (2010) acrescentam que caminhadas em trilhas, de modo educativo, possibilitam ao participante ter uma compreensão sobre os processos biológicos tanto da fauna como da flora e também um conhecimento sobre a importância da sua proteção.

Em outra questão da entrevista, quando perguntados se o que haviam aprendido ao caminhar na trilha ajudava-lhes a sentir a natureza de uma forma diferente, os nove alunos responderam afirmativamente, corroborando as questões sobre o processo biológico, o respeito à natureza, bem como seus animais. Comentaram que, ao caminharem em uma trilha junto à natureza, também havia algumas regras de conduta a serem respeitadas. Destacam-se aqui também as palavras de Moreira e Schwartz (2010), que dizem que, apesar de o participante não necessitar ter um aprendizado de técnicas

especiais para caminhar em uma trilha, é importante ter a orientação de um guia ou condutor para que lhe instrua sobre algumas regras de como estar na natureza.

Diante de outra indagação sobre o sentido do olfato, se algo que tivessem percebido por esse sentido lhes ajudava a sentir a natureza de uma forma diferente, oito alunos responderam afirmativamente, sendo o cheiro da terra, dos animais, o esterco das vacas, o ar puro, citados nesse momento, pois os participantes não estavam acostumados com esses cheiros. Acerca desse aspecto, Costa e Silva (2010) afirmam que a ação de caminhar causa “trocas sutis” com esse ambiente, possibilitando praticar diferentes racionalidades, que vão estabelecendo significados afetivos/ emocionais e simbologias que, em momentos, são despercebidas.

A pesquisadora, dando continuidade às perguntas, apresentou oito palavras e pediu que escolhessem apenas uma, entre elas, que definisse melhor seus sentimentos em relação ao cuidado com a natureza. Dessas, três alunos responderam que era a palavra “descoberta”, três responderam “cuidado”, dois alunos responderam “preocupação” e um aluno respondeu “comprometimento”.

Com relação à seleção de tais palavras, é importante ressaltar que a descoberta está diretamente relacionada à ideia do novo, do diferente. Tal compreensão pode ser importante na formação da sensibilidade ecológica, uma vez que possibilita o contato com o que não é parte do cotidiano. Essa descoberta pode servir para aguçar o interesse pela manutenção dos espaços naturais, uma vez percebidos como diversos.

Os termos “cuidado” e “comprometimento” demonstram claramente a percepção dos usuários quanto à responsabilidade que tal encontro possibilita. A ideia de que só se respeita aquilo que se conhece parece clara ao identificar tais respostas, uma vez que, ao conhecer o ambiente natural, toma-se maior atenção ao cuidado que ele merece.

Quanto à resposta relacionada à preocupação, é importante ressaltar que preocupar-se com as questões ambientais é um importante passo a fim de estar sensibilizado para a sua proteção.

Após apontarem essas palavras, foram perguntados sobre como descreveriam suas relações com as questões ambientais depois de realizarem a trilha. Os respondentes apontaram que pequenos gestos podem ajudar na proteção da natureza, que é importante mantê-la, que devem ser mais cuidadosos, pois os espaços naturais estão cada vez mais raros e que a experiência proporcionou um aprendizado, o de cuidar melhor.

Ao final da entrevista, foram perguntados de como avaliavam seu comprometimento em sua relação com a natureza: seis alunos responderam que se avaliavam “mais comprometidos”, dois alunos “muito mais comprometidos” e um aluno respondeu “desmotivado”, justificando que sua desmotivação se dava pelo fato de ele se dar conta que deveria haver mais lugares como aquele preservados.

Diante das afirmações finais da entrevista com alunos que percorreram uma trilha contemplativa de caminhada, pode-se destacar as palavras de Carvalho e Boçon (*apud* SAMPAIO; GUIMARÃES, 2009), que citam que o exercício de caminhar em espaços naturais permite uma melhor compreensão do meio ambiente e de suas relações, aguçando a observação, a reflexão e, por conseguinte, uma sensibilização para com as questões relativas ao meio ambiente.

Após a análise das entrevistas com os participantes, apresenta-se a análise voltada às entrevistas dos alunos que participaram de uma trilha sensitiva.

5.2 Análise dos resultados com base nas entrevistas realizadas com os alunos do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Bagozzi de Curitiba, Paraná, após percorrer uma trilha sensitiva

Para a coleta de informações, foram entrevistados nove alunos. Assim como se fez no caso do grupo anterior, no intuito de preservar suas identidades, também se mantiveram a privacidade e sigilo e seus nomes não são mencionados. Novamente, antes de aplicar a entrevista, a pesquisadora fez questão de acompanhar o grupo na atividade da trilha.

No que concerne à idade e sexo, os alunos entrevistados apresentavam idade entre 15 e 16 anos, sendo três alunos do sexo masculino e seis alunas do sexo feminino.

Quanto aos alunos que já haviam realizado alguma trilha antes, seis alunos responderam que participaram e três alunos responderam que nunca haviam participado.

Os entrevistados, quando perguntados sobre os sentidos humanos possíveis de perceberem na trilha sensitiva considerando as opções, olfato, tato, visão, audição e paladar, apontaram como mais percebidos os sentidos da audição, tato e visão, confirmando o que vivenciaram durante a atividade.

Um exemplo disso foi quando, no início da trilha, o guia solicitou aos participantes que fechassem seus olhos e, por um momento, ficassem escutando os sons ao seu redor. Pediu que percebessem quantos tipos de cantos de pássaros conseguiam ouvir ao mesmo tempo e que sentissem a brisa do vento tocando os seus rostos. Dessa maneira, pode-se identificar aqui a citação de Cornell (*apud* MENDONÇA, 2000), que diz que existem cinco regras de ensinamentos ao ar livre que os guias/ monitores/ educadores podem trabalhar, destacando, entre elas, que o guia deve estar receptivo, porque isso favorecerá que o participante possa estar receptivo também, abrindo as portas da percepção, o que estimulará, cada vez mais, a receptividade.

Pode-se citar a regra sobre a concentração do grupo. Uma vez que as pessoas não estão habituadas a observar a natureza, o guia pode fazê-los perceber que essa observação deve ser perspicaz. Outra regra que se relacionou a esse momento foi a de observar e sentir primeiro, falar depois. Foi justamente como convidou o guia quando solicitou que os alunos fechassem seus olhos, observassem, sentissem e depois falassem sobre o que tinham escutado.

Quando relataram sobre o que tinham ouvido, enquanto estavam de olhos fechados, no momento da trilha, os alunos salientaram que ouviram diversas espécies de pássaros cantando e que esse som os acalmava, ajudando-os a entender a natureza de uma maneira diferente. Nesse exemplo, pode-se trazer a contribuição de Mendonça (2000, p. 146), quando fala que “[...] as atividades com olhos vendados levam as pessoas a ficarem mais atentas às informações recebidas dos outros sentidos e, assim, podem perceber o ambiente de uma outra forma”.

Os participantes comentaram também que essa percepção os sensibilizava em relação a uma questão preocupante, de que, se as matas forem desmatadas, não se ouvirá mais o canto dos pássaros, legitimando as palavras de Mendonça (2000, p. 147)

que dizem que “[...] este tipo de experiência pode abrir o coração das pessoas e levá-las a um sentimento de preocupação pela Terra”.

Cabe ressaltar a diferença de impressão entre os dois grupos, uma vez que a trilha sensitiva preza pela possibilidade maior de interação com o ambiente. A ideia de usar os sentidos para vivenciar a natureza parece produzir um resultado mais imediato de atenção ao que ocorre a sua volta. Assim, parece haver uma disposição maior do usuário em entender, apreciar e experimentar as possibilidades do local, causando, provavelmente, um maior comprometimento com relação ao ambiente natural vivenciado.

No que foram perguntados se o que enxergaram ajudava a ver a natureza de uma forma diferente, os alunos apontaram o seu deslumbramento com a beleza da natureza e comentaram sobre perceberem o estado primitivo da mata.

Vale ressaltar a imensa possibilidade que tais atividades apresentam aos usuários, visto que, ao sentir a natureza, por meio do uso dos sentidos, e transformar tal sentimento em palavras, provavelmente os auxilia na percepção mais completa dos sistemas naturais, trazendo consigo um maior empenho no entendimento das relações do homem com a natureza e da necessidade de proteção da mesma.

Quanto ao outro questionamento, dirigido aos participantes, sobre o sentido do olfato, foi relatado por oito alunos que os cheiros sentidos durante a trilha eram diferentes dos sentidos na cidade. Eles mencionaram que sentiram o ar mais puro, outros que sentiram um cheiro forte, para alguns ruim, relacionando ao cheiro de esterco das vacas que foram encontradas no caminho.

Diante dessas afirmações, Silva e Figueiredo (2011) colaboram, dizendo que a trilha sensitiva permite um contato com a natureza, em uma interação direta de cada indivíduo com os elementos naturais, em uma mistura extrema de sentimentos.

Mais uma vez, é importante ressaltar a possibilidade de uso do sentido do olfato como promotor de sensibilidade ecológica, uma vez que produz sentimentos novos, diferentes do cotidiano, mesmo que, em algum momento, possa parecer forte e ruim, demonstram, na realidade, uma descoberta do diferente e uma possibilidade de despertar o interesse para o mesmo.

A seguir, a pesquisadora apresentou oito palavras aos respondentes e solicitou que indicassem qual delas definiria melhor seus sentimentos com relação ao cuidado com a natureza. Quatro alunos escolheram a palavra “comprometimento”, três alunos escolheram a palavra “descoberta”, um escolheu a palavra “preocupação” e um escolheu a palavra “mudança”. Nota-se, por todas as respostas deste último aluno, que respondeu “mudança”, que seu sentimento em relação ao cuidado com a natureza havia passado por uma transformação depois de ter caminhado pela trilha.

No momento em que uma trilha sensitiva torna-se capaz de possibilitar ao usuário sentir a natureza de uma forma diferente lhe proporcionando um sentimento de cuidado, ele poderá vir a ter outra forma de “comprometimento” e de “preocupação” com as questões ambientais, bem como lhe possibilitará a “descoberta” desses sentimentos que estavam despercebidos e trazer-lhe uma mudança de atitudes em relação a uma consciência mais ecológica.

Essas palavras, apontadas pelos alunos, vieram ao encontro da resposta dada à última pergunta, de como eles se avaliavam em suas relações com a natureza após a

realização da trilha. Isso porque cinco participantes responderam que se sentiam “mais comprometidos” e três se sentiam “muito mais comprometidos” quanto às questões ambientais.

Dessa forma, a citação da Unibio (2014) vem corroborar com essa relação, dizendo que uma trilha sensitiva pode “[...] sensibilizar os visitantes sobre os problemas ambientais de uma forma diferenciada, através dos sentidos, aproximando o vínculo entre o homem e a natureza”.

6 Considerações finais

Antes das ponderações finais propriamente ditas, vale destacar que a construção deste trabalho foi uma experiência enriquecedora para a pesquisadora, pois pesquisar um tema tão profundo quanto à relação homem/natureza proporcionou momentos de reflexões sobre o quanto o ser humano faz parte da natureza e o quanto ele é responsável por ela, complementando com o que a base teórica apresentava.

Assim, desenvolveu-se este estudo com o propósito de identificar de que maneira uma trilha sensitiva pode ser mais eficaz do que uma trilha contemplativa de caminhada na sensibilização ecológica do ser humano. Foi por meio de entrevistas com alunos, que percorreram os dois tipos de trilhas, que se pode verificar que explorar os sentidos em uma trilha possibilita uma relação mais próxima do usuário com o espaço natural, uma vez que reforça o uso dos sentidos como ferramenta de aproximação, interação e relação.

A pesquisadora percebeu que não existe uma resposta “sim” ou “não” para a pergunta do problema de pesquisa, pois o próprio fato de o indivíduo ter o contato com a natureza em uma trilha contemplativa já possibilita desenvolver consciência sobre as questões ambientais.

Nesse sentido, o que a pesquisadora observou é que a trilha sensitiva poderá aguçar mais os sentidos, que não são muito percebidos e usados durante uma trilha simples de contemplação e, assim, atingir um resultado muito mais significativo na sensibilização ecológica do sujeito, pois o guia estará estimulando esses sentidos na trilha sensitiva.

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010, p. 25) reforça com a informação quando diz que o uso da interpretação, sendo ela promovida após uma atividade, seja ela em uma trilha, estimula “as percepções e os sentidos do visitante, de modo a estabelecer uma compreensão das características singulares do ecossistema vivenciado, para que se sensibilize sobre a importância da conservação”. Além disso, ela serve não apenas para ensinar, “[...] mas provocar, estimular a curiosidade do visitante encorajando a explorar o ambiente interpretado por meio do uso dos sentidos – tato, olfato, audição”.

Dessa forma, vê-se a importância da realização de trilhas sensitivas para esse contato natural, possibilitando dois tipos de trabalho: o contato direto e a possibilidade da percepção, ao tocar mais profundamente o participante no momento em que fecha os olhos e permite-se deixar que os outros sentidos sejam estimulados.

Viu-se que, estabelecendo uma conexão mais intensa com a natureza, a partir

dos sentidos, torna-se possível ter uma consciência mais profunda em relação às questões ecológicas, possibilitando identificar o quanto as ações humanas interferem e contribuem para esta questão.

Finalmente, a partir da apresentação de todos os aspectos deste estudo, pode-se dizer que as trilhas sensitivas contribuem para mudanças de atitudes, uma nova forma de pensar, de se relacionar com a natureza e de estar no universo, estimulando relações de afeto e, conseqüentemente, de comportamentos práticos de cuidado e de envolvimento com o outro e com o planeta.

Por fim, a oportunidade de trabalhar os sentidos em uma trilha poderá trazer ao ser humano uma possibilidade de desfrutar sentimentos adormecidos dentro dele, tais como alegria, leveza, receptividade, inspiração, entusiasmo e pertencimento ao universo.

Vale salientar que as considerações expostas neste trabalho não têm a pretensão de apresentar informações absolutas, uma vez que os resultados são abertos para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas.

Referências

- ANDRADE, Waldir Joel de. *Manejo de trilhas*. 2014. Disponível em: www.infotrilhas.com/Downloads/man_trilha.doc. Acesso em: 8 abr. 2014.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Maria Isabel Amando de. Outdoor Education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, Célia (Org.). *A Educação pelas Pedras*. São Paulo: Chronos, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar – Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes. 2011.
- BRASIL, Ministério do Turismo. *Ecoturismo: Noções Básicas*. 2. ed. 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/oministerio/publicacoes/downloadpublicacoes/EcoturismoVersxoFinalIMPRESSxO.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.
- BRUHNS, Heloisa Turini. *A busca pela natureza: turismo e aventura*. São Paulo: Manole, 2009.
- _____. *No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções*. São Paulo: Manole, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CORNELL, Joseph. *A alegria de aprender com a natureza*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

COSTA, Vitor Lima da; SILVA, Natália Cristina Luz e. *Caminhada Ecológica: uma outra abordagem sobre a educação ambiental*. 2010. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1165>. Acesso em: 31 ago. 2014.

DELGADO, Jesus. A interpretação ambiental como instrumento para o ecoturismo. In: SERRANO, Célia (Org.). *A Educação pelas Pedras*. São Paulo: Chronos, 2000.

FERREIRA, Luiz Fernando; COUTINHO, Maria do Carmo Barêa. Educação Ambiental em estudos do meio: a experiência da Bioma Educação Ambiental. In: SERRANO, Célia (Org.). *A Educação pelas Pedras*. São Paulo: Chronos, 2000.

FONTES, Marco Aurélio Leite; SALVATI, Sérgio Salazar; VITORINO, Maria Rachel. *Trilhas*. 2014. Disponível em: <<http://valeledosaoroma.blogspot.com.br/2013/08/um-pouco-de-conhecimento-do-grupo-de.html>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. *Trilhas Interpretativas e vivências na natureza: reconhecendo e reencontrando nossos elos com a paisagem*. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/cea/files/2011/12/Solange_Guimaraes01.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2014.

JUSTEN, Carlos Eduardo; MORETTO NETO, Luis. *Do economicismo à dialogicidade: as contribuições do paradigma da ecologia profunda e da noção de gestão social para a temática da sustentabilidade empresarial*. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323227835015>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

LEITE, Rodrigo Alves Porto; HARTMANN, Cassio. *Expectativa de alunos da educação física escolar em relação às atividades físicas de aventura na natureza: propostas para uma nova conduta*. 2014. Disponível em: <<http://www.posaventura.com/news/trabalhos%20relacionados%20C3%A0%20tematica%3a%20aventura/>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MACHADO, Álvaro Luis de Melo. *Ecoturismo: um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

MAGRO, Teresa Cristina; TALORA, Daniela Custódio. *Planejamento e Manejo de trilhas e Impactos na Flora*. 2014. Disponível em: <[http://arquivo.rosana.unesp.br/docentes/fernando/ECO%20II/MAGRO;%20TALORA.%20Planejamento%20e%20manejo%20de%20trilhas%20e%20impactos%20na%20flora%20\(CNPMT\).pdf](http://arquivo.rosana.unesp.br/docentes/fernando/ECO%20II/MAGRO;%20TALORA.%20Planejamento%20e%20manejo%20de%20trilhas%20e%20impactos%20na%20flora%20(CNPMT).pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2014.

MENDONÇA, Rita. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANO, Célia (Org.). *A Educação pelas Pedras*. São Paulo: Chronos, 2000.

_____. Experimentando a sustentabilidade do turismo na natureza. In: GODOI, Luiz Gonzaga (Ed.); NETTO, Alexandre Panosso; CARVALHO, Mariana Aldrigui; PIRES, Paulo dos Santos (Co-editores). *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca. 2005.

MIDAGLIA, Carmem Lúcia Vergueiro. Turismo e Meio Ambiente no litoral paulista: dinâmica da balneabilidade nas praias. In: LEMOS, Amália Ines G. (Org.). *Turismo: Impactos Ambientais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria. *Caminho da fé: reflexões sobre lazer e ambiência*. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a03v16n3.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2014.

NEIMAN, Zysman; MENDONÇA, Viviane Melo de; SCHLINDWEIN, Marcelo Nivert. *Eu e a Brisa: reflexões sobre a experiência da viagem no turismo*. 2008. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/5/4>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

NEVES, José Luis. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. 1996. Disponível em: <http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 10 maio 2014.

PELLIZZOLI, Marcelo L. *Sensibilização Ecológica na Educação*. 2014. Disponível em: <<http://www.curadores.com.br/site/arquivos/microsoft/3.Sensibiliza%C3%A7%C3%A3o%20ecol%C3%B3gica%20educa%C3%A7%C3%A3o%20ambiental.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

PENSADOR. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTI1Mzkx/>>. Acesso em: 10 maio 2014.

POLYDORO, Jorge (Org.). *100 Marcas do Rio Grande: A história e os valores das marcas consagradas como ícones da identidade e da cultura empresarial gaúcha*. Porto Alegre: Plural Com Inteligência Corporativa, 2014.

QUINTA DA ESTÂNCIA GRANDE. 2014. Disponível em: <http://www.quintadaestancia.com.br/?page_id=1123>. Acesso em: 10 maio 2014.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de; GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *Educação Ambiental: Tecendo trilhas, escriturando territórios*. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 25, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000300017>. Acesso em: 10 out. 2013.

SILVA, Luciana de Oliveira; FIGUEIREDO, Luiz Afonso de. Racionalidades e sensibilidades em trilhas interpretativo-perceptivas: promovendo ações formativas de Educação Ambiental na Vila de Paranapiacaba - Santo André (SP). *Revista Brasileira de Ecoturismo*. São Paulo, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/index>>. Acesso em: 10 out. 2013.

UNIBIO. *Universidade Livre de Proteção à Biodiversidade*. 2014. Disponível em: <http://www.unibiobrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=53:trilha-sensitiva-a-mata-atlantica-como-voce-nunca-viu-objetivos-sensibilizar-os-visitantes-sobre-os-problemas-ambientais-de-uma-forma-diferenciada->>. Acesso em: 21 maio 2014.